

22

ANTÓNIO SERRA LOPES,  
SÓCIO FUNDADOR DA SLCM

“DEIXÁMOS QUE  
SE PERDESSE A  
DIGNIDADE DA  
PROFISSÃO”

06

BARBAS HOMEM  
DIRETOR DO CEJ



É preciso renovar a formação  
de magistrados

## ESPECIAL

ARBITRAGEM E MEDIAÇÃO  
ADMINISTRATIVA

CAAD CENTRO DE ARBITRAGEM ADMINISTRATIVA

**CONFERENCE**

ARBITRAGEM E MEDIAÇÃO ADMINISTRATIVA: UM DESAFIO  
LANÇADO AO CONTENCIOSO ADMINISTRATIVO PORTUGUÊS  
REALIZADA NO DIÁLOGO... 30 SETEMBRO 14

PROF. DOUTORA SUSANA VIDEIRA  
“O CAAD TEM VINDO A ALCANÇAR COM SUCESSO  
OS OBJETIVOS QUE PRESIDIRAM À SUA CRIAÇÃO”

05  
MESTRE  
JOÃO TIAGO SILVEIRA  
“O CAAD tem  
sabido crescer  
de modo  
exemplar”

Um desafio lançado ao contencioso  
administrativo português





**ANTÓNIO SERRA LOPES, SÓCIO FUNDADOR DA SERRA LOPES CORTES MARTINS**

## “É preciso apontar a lança”

António Serra Lopes é advogado há 53 dos seus 80 anos de vida. Escolheu a profissão inspirado pela visão romântica da mãe, que acreditava que advogado é aquele que ajuda os outros. Exerce-a socorrendo-se da visão quixotesca de que onde quer que haja injustiça é preciso apontar a lança. E aponta-a, nomeadamente, àquilo que designa como a proletarização da Ordem.



**Advocatus | Completou 80 anos de vida e 53 de advocacia. O que o levou para a profissão?**

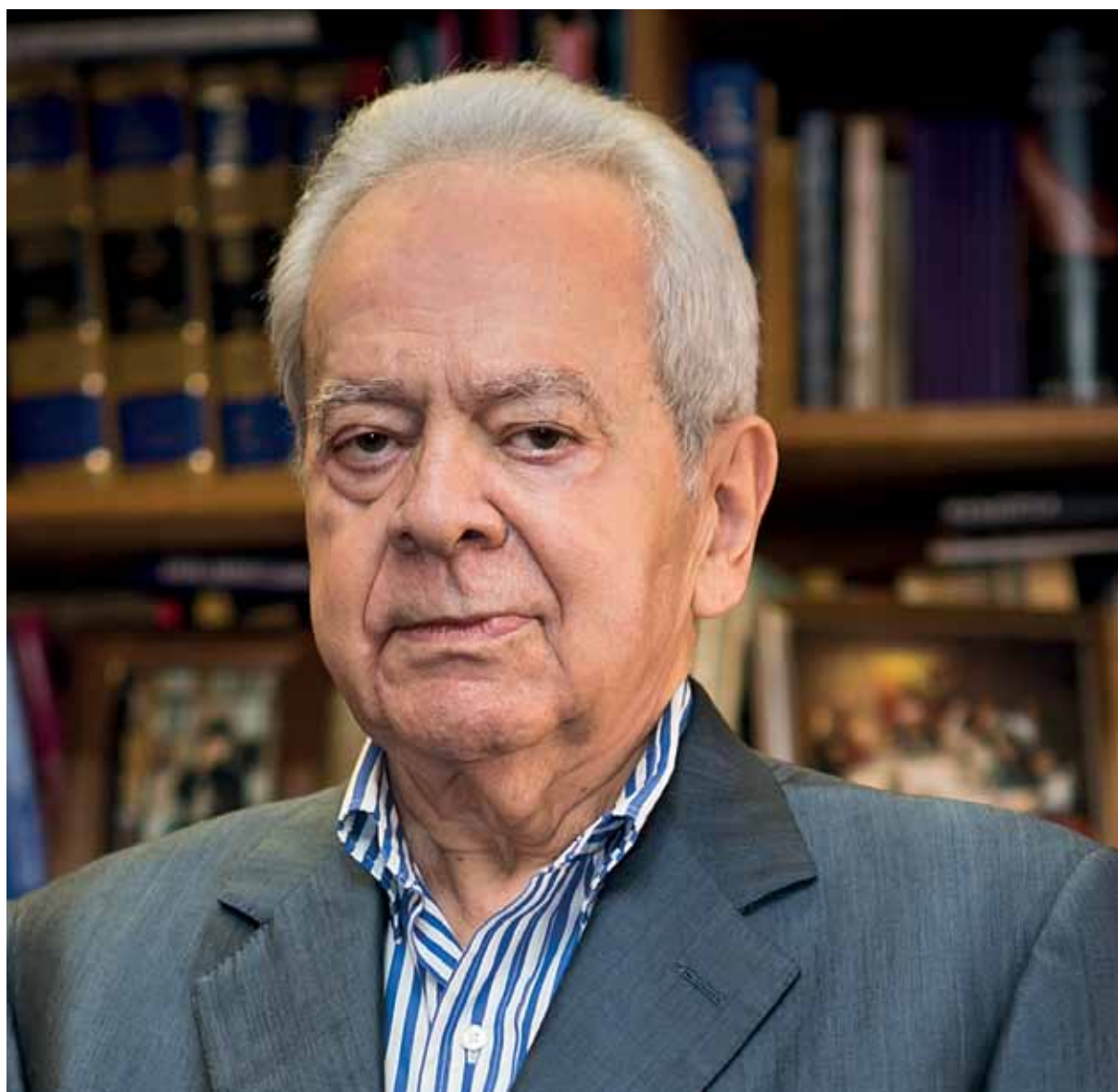
**António Serra Lopes |** Não tenho nenhuma ascendência de advogados. A minha família era modesta, o meu pai empregado comercial e a minha mãe dona de casa. Eu era o melhor aluno da instrução primária. Não me lembro exatamente de quando é que se começou a falar do que eu queria ser, mas lembro-me de que gostaria de ser maquinista de comboio. Houve uma altura em que pensei ser piloto, mas achava que maquinista tinha mais dignidade. Um dia estava a falar com a minha mãe quando ela me perguntou se não gostaria de ser advogado. Não era muito conciliável com ser maquinista de comboio... Perguntei o que fazia um advogado e a minha mãe, que não era da arte, respondeu que um advogado defende pessoas, ajuda-as. A minha reação foi “então, se ajuda pessoas, eu quero”. E pus na cabeça que ia ser advogado. Nunca mais pensei noutra coisa.

**Advocatus | Pensa que essa síntese da sua mãe se mantém válida?**

**ASL |** Deve ser assim. Um advogado deve, obrigatoriamente, ter *pedigree* no sentido de saber, de ser hábil, mas principalmente de perceber a vida. O Código de Hamurabi, que é a primeira coisa que conhecemos de Direito escrito, tem coisas curiosas como o vizinho ter a obrigação de varrer a sua porta mas também a do lado. É o bom senso. À medida que vamos avançando na vida, o Direito avança também e passa a ocupar-se de tudo, a ligar-se com duas coisas extremamente importantes que são a política e a economia. Não sei se a minha mãe sabia muito bem o que fazia um advogado. Sabia para que servia, havia uma cristalização de que ser advogado era bom e eu alinhei. Casei com uma advogada, tenho uma filha e uma neta advogadas. Já há cinco Serra Lopes advogados.

**Advocatus | Mas era uma visão ingénua da profissão?**

**ASL |** É o que se chama uma *oversimplification*. Na verdade, espera-se do advogado que, ao cumprir as suas funções, seja melhor do que outro profissional qualquer. Em quê? Em honestidade e, sobretudo, em compreensão pelos outros. No meio das minhas literaturas, havia uma frase do Sartre de que gostava muito – “J’ai la passion de



“Perguntei o que fazia um advogado e a minha mãe, que não era da arte, respondeu que um advogado defende pessoas, ajuda-as. A minha reação foi ‘então, se ajuda pessoas, eu quero’. E pus na cabeça que ia ser advogado. Nunca mais pensei noutra coisa”

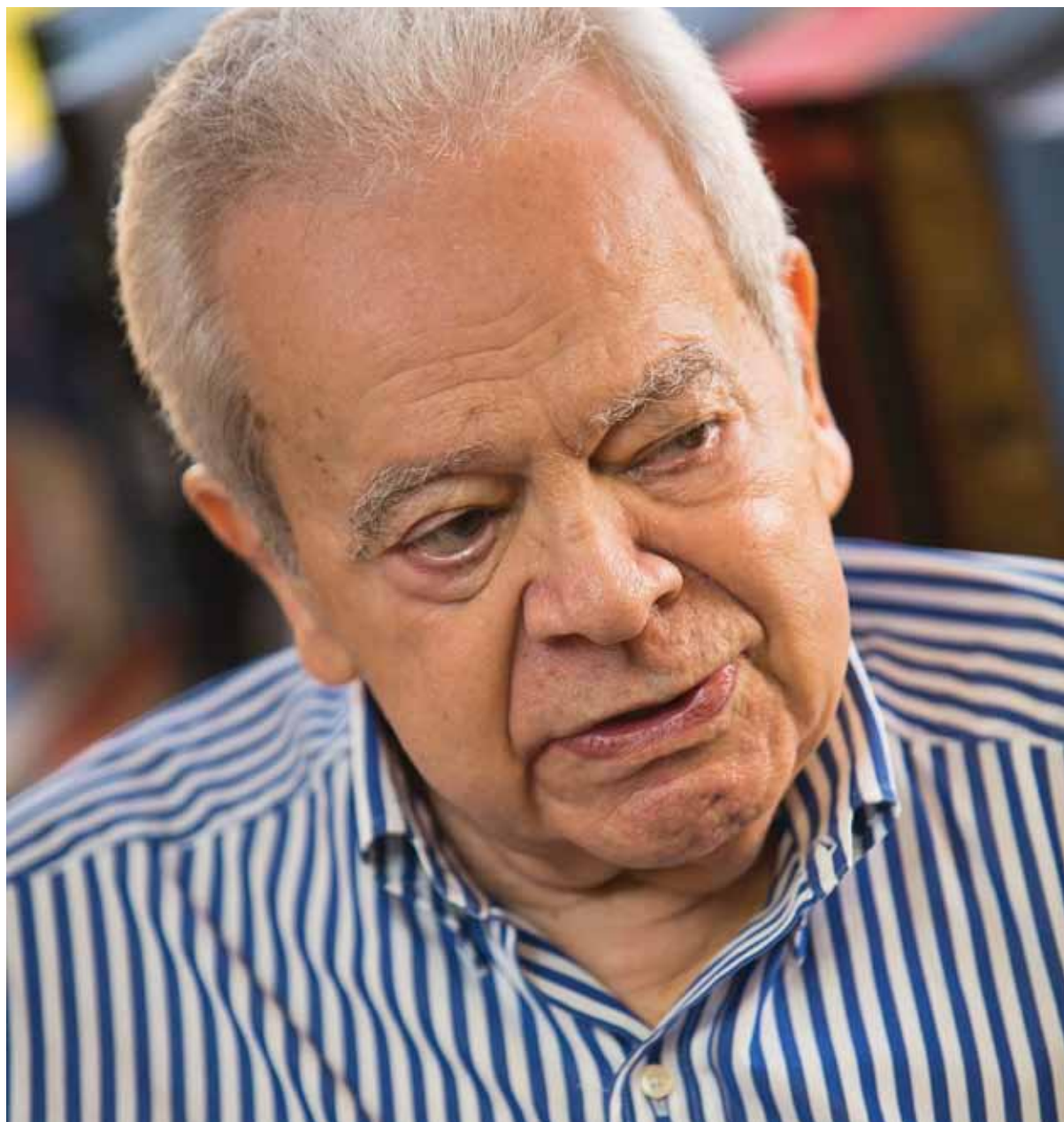
comprender les hommes”. E uma das maneiras mais notáveis de compreender os homens, aí compreendidas as mulheres, é ser advogado. Porque ser advogado implica necessariamente uma ou duas qualidades pessoais, honestidade e bondade para com os outros. Depois, basta que me pergunte se eu não sei que há advogados de acusação e de defesa para isto ser posto em causa. Mas são pontos de vista diferentes. Há advogados de acusação porque determinadas pessoas são acusadas de não terem cumprido a lei. E há advogados de defesa que têm como função mostrar que ou a pessoa não fez aquilo ou aquilo que fez não viola a lei. Claro que isso coloca muitos problemas. Os meus variados estagiários às vezes perguntam se de-

**“Os meus variados estagiários às vezes perguntam se devem dizer sempre a verdade toda. A resposta é que nem sempre se tem de dizer a verdade toda, mas sempre se deve evitar ocultar a verdade que foi perguntada”**

vem dizer sempre a verdade toda. A resposta é que nem sempre se tem de dizer a verdade toda, mas sempre se deve evitar ocultar a verdade que foi perguntada. É difícil.

**Advocatus | Em 1975 foi para o Brasil. Foi a política que o fez mudar-se?**

**ASL |** Não foi por perseguição política, mas Portugal era um país incómodo para mim. Era diretor jurídico do grupo CUF que, nessa altura, por estranho que pareça hoje, faturava 7% do PIB português. Comecei por baixo. Tinha 25 ou 26 anos. Quando soube que estavam à procura de um advogado concorri e fui escolhido. Mas, graças ao meu gosto por línguas, fui progredindo bastante e acabei por passar do contencioso da CUF para a holding, onde se



“Uma das maneiras mais notáveis de compreender os homens, aí compreendidas as mulheres, é ser advogado. Porque ser advogado implica necessariamente uma ou duas qualidades pessoais, honestidade e bondade para com os outros”

“Os advogados podem concorrer a deputados. Porém, não tenho a menor dúvida de que, se forem eleitos, devem suspender a atividade. Escolhem: ou são advogados ou são deputados. Ambas são renunciáveis”

controlavam os aspetos jurídicos do grupo que tinha 180 sociedades. Quando aconteceu a revolução era diretor jurídico. Politicamente, na CUF nunca me colocaram quaisquer objeções. Eu não tinha partido, até porque não havia partidos, exceto o Comunista, mas tinha uma notória simpatia pelo socialismo, devido a amigos como Mário Soares e Jorge Sampaio. A certa altura, verifiquei que estava a dirigir os aspetos jurídicos de uma entidade que todos os dias era decepada. As empresas estavam a ser ocupadas, nacionalizadas. Aquele clima persecutório foi para mim, depois das alegrias do 25 de abril, preocupante. Eu já ia muitas vezes ao Brasil, porque tínhamos clientes brasileiros e clientes portugueses no Brasil. E numa dessas vezes, o Gouvêa

**“Nenhum de nós é filiado em nenhum partido, não metemos cunhas ao governo. Temos uma lista de clientes de que fazem parte os descendentes dos dois Mello, temos cerca de 300 clientes”**

Vieira convidou-me a ficar a trabalhar no escritório dele, com o argumento de que Portugal estava virando Cuba. Ofereceu-me um lugar de advogado sénior. Eu estava no Brasil por causa de um concurso da Lisnave, mas era julho, o mês de aniversário da minha mulher, e ela e os miúdos foram ter comigo. Conversámos e decidimos ficar. Aceitei o convite e a minha mulher, que em Portugal era diretora jurídica da Império, ficou como diretora da maior companhia de seguros brasileira.

**Advocatus | Cinco anos depois, faz o caminho inverso. Desiludiu-se com o Brasil?**

**ASL |** Trabalhei cinco anos no Brasil e gosto do Brasil como país, como local para ter amigos, mas não gosto do pendor classista,

não gosto como local onde rico é amigo de rico e pobre é amigo de pobre, onde, numa população de 200 milhões de habitantes, havia 70 milhões em miséria absoluta. Nesses cinco anos, houve duas visitas portuguesas, uma do Mário Soares e outra do Ramalho Eanes. O Brasil pululava de técnicos portugueses, que sentiam, como eu, que não havia saída para nós em Portugal, que tinha medo da incerteza. Já tinha passado um bocado a loucura gonçalvista, mas não totalmente. Fizeram-se reuniões destinadas à chamada nova emigração portuguesa, com o intuito de nos incitar a voltar. Diziam que já tinha sido aprovada a Constituição, mas ainda havia o Conselho da Revolução. A pátria chamava-nos e eu tinha cá os meus pais que morriam de



saudade. Por outro lado, os meus filhos, que estavam na idade da universidade, estavam a virar brasileiros. Conversei com a minha mulher e decidimos voltar. O Brasil não era o meu *cup of tea*. Duvido que qualquer outro país do mundo seja. As raízes são fortes.

#### **Advocatus | Foi fácil retomar a advocacia após essa ausência?**

**ASL** | Nessa altura, corriam os processos instaurados pelo Sá Carneiro contra O Diário. O jornal havia lançado a notícia de que ele devia dinheiro ao banco. O que aconteceu é que ele e o Ricardo jogavam na bolsa, que era extremamente favorável. Uns dias antes do 25 de abril, pediram dinheiro ao banco para comprar ações da Tranquilidade, mas deu-se entretanto a revolução e ficou tudo congelado, a banca foi nacionalizada. Só que o comité soviético do Banco Espírito Santo fez circular que o Sá Carneiro devia dinheiro. Ainda hoje se lê nas paredes do Alentejo “Sá Carneiro paga o que deves”. Não o deixavam vender as ações, mas exigiam que ele pagasse e faziam a conta com os juros, na altura incomensuráveis. O Francisco Sá Carneiro pôs um processo contra o jornal e quando ele morreu a família deu seguimento às oito ações. O advogado deles era o Eduardo Figueiredo, que entretanto ficou doente. Uma das ações era na Boa Hora, no 8º juízo, e era preciso subir uns cinco andares. Ele não conseguia, por causa da doença, e o Ricardo Sá Carneiro,



“Quando aconteceu a revolução era diretor jurídico. Politicamente, na CUF nunca me colocaram quaisquer objeções. Eu não tinha partido, até porque não havia partidos, exceto o Comunista, mas tinha uma notória simpatia pelo socialismo, devido a amigos como Mário Soares e Jorge Sampaio”

“Há um jornalismo de tribunal que é característico de alguns jornais e que é batoteiro, de influência, de sensação barata. Há umas ovelhas negras. No processo da Casa Pia, por exemplo, houve jornais que estavam nitidamente contra os arguidos, queriam satisfazer a fúria popular”

## A PROLETARIZAÇÃO DA ORDEM

Pela primeira vez, Portugal tem uma mulher na pasta da Justiça e outra à frente da Ordem dos Advogados. Sobre a primeira, António Serra Lopes não se pronuncia por uma questão de princípio: afinal, Paula Teixeira da Cruz foi sua aluna e estagiária. Sobre a segunda, diz apenas que não conhece e que nunca a viu pessoalmente. Houve outra bastonária antes, a sua própria mulher, Maria de Jesus Serra Lopes: diz o advogado que foi o primeiro bastonário consorte, o único até agora. Não conhecer Elina Fraga não

significa que Serra Lopes não tenha opinião sobre a instituição. Explica que a advogada tenha sucedido a Marinho e Pinto, que cumpriu dois mandatos consecutivos, em função de um fenómeno de proletarização de uma Ordem que, até então, havia sido elitista. E proletarizou-se porque há nove mil advogados que vivem do apoio judiciário. Na sua perspetiva, o que está a acontecer é um envilecimento da Ordem: “deixámos que em Portugal se perdesse a dignidade da profissão de advogado”, critica. Responsabiliza o anterior bastonário por aquilo

que designa como a manobra de criação de um organismo por ele tutelado para responder ao apoio judiciário. Criou – diz – um circuito aberto, mas com numerus clausus: “encheu e fechou”. Depois disso, “deu diversas entrevistas em que repetiu quase monotona-mente a expressão ‘os calabouços estão cheios de presos defendidos por estagiários’”. Serra Lopes rejeita esta ideia e desafia Marinho e Pinto a enviar-lhe casos desses e o resultado de casos semelhantes defendidos por advogados do círculo fechado da Ordem.



Para mim, uma audiência com um juiz inteligente e um advogado inteligente da outra parte é perfeitamente desejável. Acho o julgamento uma disputa gira... É um exercício intelectual”.

“A certa altura, verifiquei que estava a dirigir os aspetos jurídicos de uma entidade que todos os dias era decepada. As empresas estavam a ser ocupadas, nacionalizadas. Aquele clima persecutório foi para mim, depois das alegrias do 25 de abril, preocupante”

## UM VERBO NÃO CONJUGÁVEL

Dos 53 anos de profissão, António Serra Lopes não escolhe momentos mais marcantes do que outros. Destaca apenas a alegria de ganhar processos por oposição ao desgosto de os perder, na lógica de que “a mágoa dura sempre mais”. Além disso, há perder e perder, tudo depende – diz – do que se entender por perder um processo. Vai a tribunal com muito gosto, até porque sempre gostou da barra: “Fui jogador de xadrez, não era profissional mas jogava torneios. E gosto muito de jogar, porque obriga a pensar e a prever. Para mim, uma audiên-

cia com um juiz inteligente e um advogado inteligente da outra parte é perfeitamente desejável. Acho o julgamento uma disputa gira... É um exercício intelectual”. Com 80 anos de vida, não pensa em reformar-se: “gosto muito de viajar, mas já viajei tudo, gosto de ler, mas já não consigo ler todos os livros do mundo...”, comenta. Mas o mais importante é que, para António Serra Lopes, reformar-se é um verbo não conjugável. “Agora ter-se lucidez para pensar, para falar, para escrever, para interrogar, haverá uma altura em que se não tem”.

“Deixámos que em Portugal se perdesse a dignidade da profissão de advogado”

que era o representante da família, convidou-me. Quando o Eduardo Figueiredo morreu, fiquei com os oito processos. O que me valeu ser considerado o advogado do PSD e do Sá Carneiro.

**Advocatus | Entretanto fundou a sua sociedade...**

**ASL |** Quando me formei, eu e a minha mulher tínhamos um sonho, que era ter um escritório, mas só chegámos a ter um escrit... Alugámos um espaço na Rua da Prata: quando eu recebia um cliente, a minha mulher saía, quando ela recebia um cliente saía eu... Depois passámos para um escritório razoável na Avenida Joaquim António de Aguiar. Já tínhamos mais uns quatro ou cinco advogados. Eram colegas que trabalhavam connosco e dividiam a renda porque, nessa altura, as sociedades de advogados eram proibidas. Os



advogados não podiam associar-se para angariar clientes. Quando passou a ser possível, os Diários da República duplicaram... Foi no período da engenheira Pintasilgo. A nossa foi das primeiras.

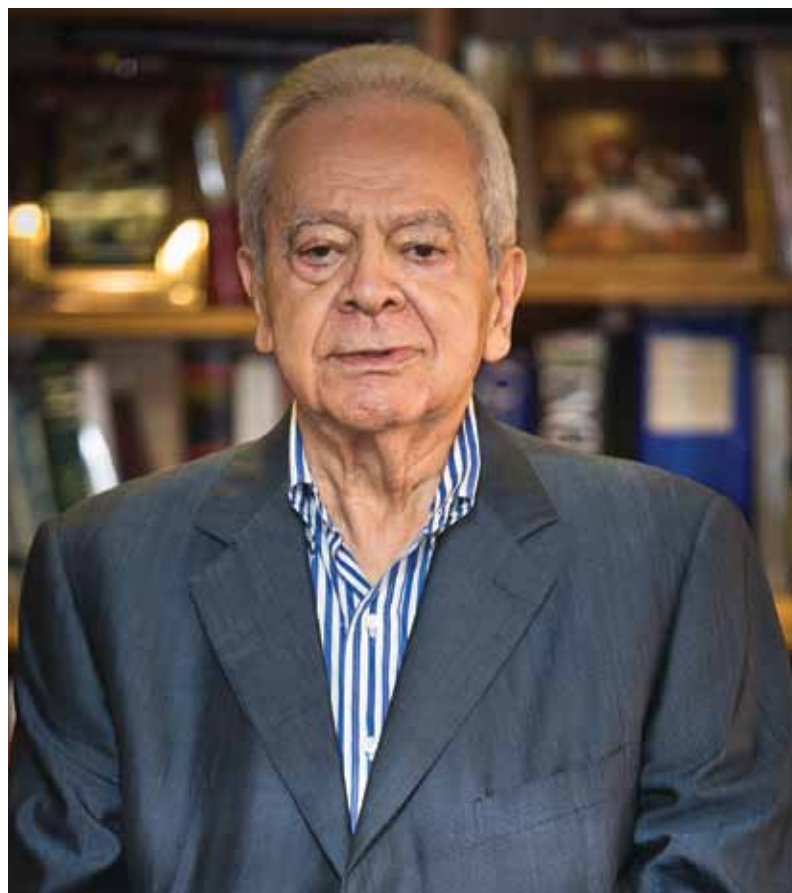
**Advocatus | Como olha hoje para o panorama das sociedades de advogados?**

**ASL |** A minha sociedade é especial. Primeiro, apesar de o nosso principal núcleo ser o corporate, não somos advogados de negócios no sentido em que não fazemos negociatas... Nenhum de nós é filiado em nenhum partido, não metemos cunhas ao governo. Temos uma lista de clientes de que fazem parte os descendentes dos dois Mello, temos cerca de 300 clientes.

**Advocatus | Há nessas palavras uma crítica à advocacia?**

**ASL |** Não é uma crítica à nossa advocacia em geral, mas a certas pessoas que exercem a advocacia penduradas num partido.

**“Só queria que o Estado fosse condenado a pagar 25 tostões ao Carlos Cruz. Isso queria dizer que havia culpa”**



## A HOMENAGEM



António Serra Lopes marcou profundamente a advocacia portuguesa nas últimas décadas. O elogio parte dos organizadores da homenagem que aconteceu no último dia 28, em Lisboa. Um dos promotores foi o sócio fundador da Miranda Correia Amendoeira & Associados, Agostinho Pereira de Miranda, que ao Advocatus frisou que a homenagem “visa destacar o exemplo de um advogado que, durante 50 anos, apenas quis servir a Justiça e que o fez com saber, coragem e um elevado sentido de cidadania”. “António Serra Lopes é tudo aquilo que eu queria ser quando me tornei advogado: corajoso, lúcido, generoso, ferozmente independente e muito divertido”, testemunhou.

**Advocatus | A este propósito, qual a sua opinião sobre os deputados que também exercem a advocacia?**

**ASL |** Acho duas coisas e nenhuma delas é original. Primeiro, há deputados a mais, não são precisos 230. Depois, há advogados a mais. Portugal tem inscritos na Ordem 29 mil advogados quando não precisaria de mais do que 14 mil. Proporcionalmente à população, tem três ou quatro vezes mais advogados do que França. Os advogados podem concorrer a deputados. Porém, não tenho a menor dúvida de que, se forem eleitos, devem suspender a atividade. Escolhem: ou são advogados ou são deputados. Ambas são renunciáveis.

**Advocatus | Voltando à sua carreira. Além dos processos de Sá Carneiro, foi patrono de outras causas mediáticas. Lida bem com essa exposição?**

**ASL |** Nestes 50 anos, tive uma série de casos que me deram exposição pública. Além do processo do Sá Carneiro, tive os do Cadilhe, do António Oliveira contra o Benfica (no caso Vale e Azevedo)... Percebo que as pessoas tenham um certo gosto de ser ver no jornal, mas, se for só a fotografia pronto... Simplesmente, há um jornalismo

de tribunal que é característico de alguns jornais e que é batoteiro, de influência, de sensação barata. Há umas ovelhas negras. No processo da Casa Pia, por exemplo, houve jornais que estavam nitidamente contra os arguidos, queriam satisfazer a fúria popular.

**Advocatus | Esse processo em concreto arrastou-se por anos. Já está encerrado?**

**ASL |** O processo está longe de terminado, porque o Sá Fernandes e eu temos pendente uma ação no Tribunal Europeu dos Direitos do Homem contra o Estado português pela morosidade, pela injustiça. Como sabe, o tribunal de Estrasburgo não interfere nos tribunais portugueses, apenas castiga o Estado, condenando-o a pagar uma multa. O processo fica igual, é só moral. Mas só queria que o Estado fosse condenado a pagar 25 tostões ao Carlos Cruz. Isso queria dizer que havia culpa. Além disso, temos a revisão extraordinária de sentença. Se, mesmo com o trânsito em julgado da sentença, aparecerem elementos tão fortes que façam supor que a condenação é uma ofensa à justiça, podemos recorrer junto do Supremo. Na minha vida toda, talvez tenha assistido a uma ou duas revisões conseguidas.